

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense Class.: Kaiabi 101

Data: 16/02/94 Pg.: 2

# UCG faz homenagem póstuma ao capitão Sérgio Macaco

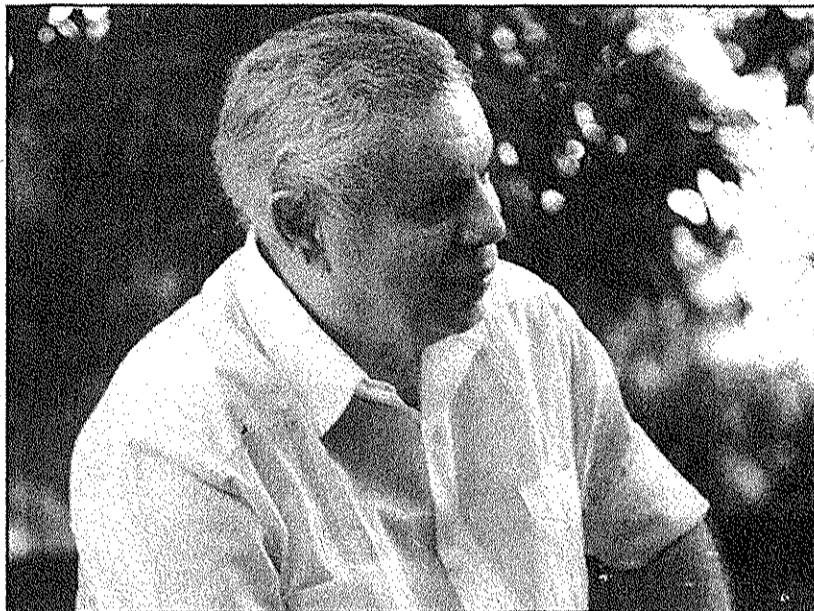
Cida Almeida

Reverenciado como um herói nacional, o capitão Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho, que ficou conhecido por Sérgio Macaco por suas façanhas na selva amazônica e que morreu no dia 4 de fevereiro, será homenageado pela Universidade Católica de Goiás (UCG) com a medalha Amigo do Índio da Fundação Indigenista Barão Puttkamer. A medalha será entregue aos seus familiares no dia 19 de abril.

Esta é a segunda homenagem que a Fundação Barão Puttkamer presta ao homem que disse não aos atos terroristas do regime militar. No ano passado, o capitão Sérgio Macaco recebeu a Medalha do Mérito Indigenista. Agora, a honraria póstuma expressa o carinho e o respeito do antropólogo visual Jesco Von Puttkamer ao militar, com quem participou de várias missões de salvamento de índios na Amazônia, no final da década de 60.

O antropólogo Jesco Von Puttkamer, de 74 anos, que integrou algumas missões comandadas pelo então chefe do Para-Sar — unidade de elite aeroterrestre de salvamento, como cinegrafista de um documentário encomendado pela BBC de Londres, tem um acervo de imagens de algumas aventuras na selva. E foi justamente atrás dessas imagens que Sérgio Macaco reencontrou Jesco Von Puttkamer no ano passado.

Ele esteve em Goiânia acompanhado de uma equipe da tevê francesa que estava realizando um filme sobre a sua vida, com o



Sérgio ganhou o apelido de Macaco por suas aventuras na selva

título de "O Homem que Disse Não". Na Universidade Católica fez uma palestra sobre a operação de resgate dos Kaiabis, tocaiados nas cabeceiras dos rios Tatuã, afluente do Teles Pires, na Selva Amazônica, divisa entre Pará e o Mato Grosso. A equipe da tevê francesa registrou o encontro com Jesco Von Puttkamer e a palestra, além de requisitar o material filmado pelo antropólogo visual durante a missão que teve ainda a participação de Cláudio Villas-Boas.

**Heroísmo** — O antropólogo Jesco Von Puttkamer destaca que Sérgio Macaco pertencia à estirpe dos homens heróicos, de ação, e que apenas a sua participação em missões de salvamento de vítimas de acidentes aéreos na Amazônia

e de índios seria o suficiente para colocá-lo na galeria dos heróis nacionais. Isso sem contar o seu gesto de recusar a cumprir ordens do chefe de gabinete do ministro da Aeronáutica, brigadeiro João Burnier, que planejava explodir o gasômetro do Rio de Janeiro para causar pânico e ainda sequestrar figuras de peso da política e atirá-las ao mar do alto de aviões da Força Aérea Brasileira. O chefe do Para-Sar denunciou os planos de Burnier e foi punido com a exoneração do cargo e a reserva. No ano passado, em Goiânia, Sérgio Macaco revelou que estava negociando os direitos autorais de sua história com uma das grandes companhias cinematográficas de Hollywood.

## Militar ajudou a salvar os kaiabi

Parte da história do capitão Sérgio Macaco é relembrada por Puttkamer. Na Operação Kaiabi, Jesco participou para fazer o documentário para a BBC, que acabou nem sendo produzido. Ele e os irmãos Villas-Boas partiram do posto avançado Diavarum, no Xingu, para uma grande missão de salvamento no afluente Tatuã do Alto Teles Pires, no Mato Grosso. A missão era difícil e perigosa, avalia, sendo comandada por Cláudio Villas-Boas e auxiliada pelo Pajé kaiabi Pepori. O objetivo da missão era contatar um grupo de mais de cem kaiabis hostis, perseguidos por jagunços de donos de seringais, e trazê-los em segurança para o Parque do Xingu.

Jesco Puttkamer relata que naquela época reinavam os DC-3 e foi a bordo de um desses aviões do Para-Sar que os missionários partiram para o salvamento, guiados por Pepori, um fugitivo que serviu de guia para a localização do grupo tocaiado. A missão durou três semanas. O antropólogo conta que Sérgio Macaco e seus homens pularam de pára-quadras numa clareira, uma mancha de campo nas nascentes do Tatuã, região completamente desconhecida, e limpavam a área para o pouso do DC-3, de onde desembarcaram Cláudio Villas-Boas, Jesco e Pepori. Montaram acampamento às margens de um córrego e ali começou o desafio de enfrentar a hostilidade da nature-

za, com uma cobra bico de jaca e gaviões reais.

A marcha por terra até os kaiabis durou cerca de 15 dias, enquanto o índio Antônio Kaiabi guardava o acampamento. O sucesso da operação foi total, lembra Jesco Von Puttkamer, tanto que Sérgio Macaco e seus homens, acompanhado do capitão Guarani, voltavam todos os anos para ficar 15 dias em treinamento com Cláudio e Orlando Villas-Boas. Desse episódio surgiu uma estreita amizade de Sérgio Macaco com Villas-Boas e os índios, o que para Jesco Von Puttkamer justifica a homenagem com a condecoração de Amigo do Índio. E Jesco faz a ressalta: a história é romântica, mas verdadeira.